



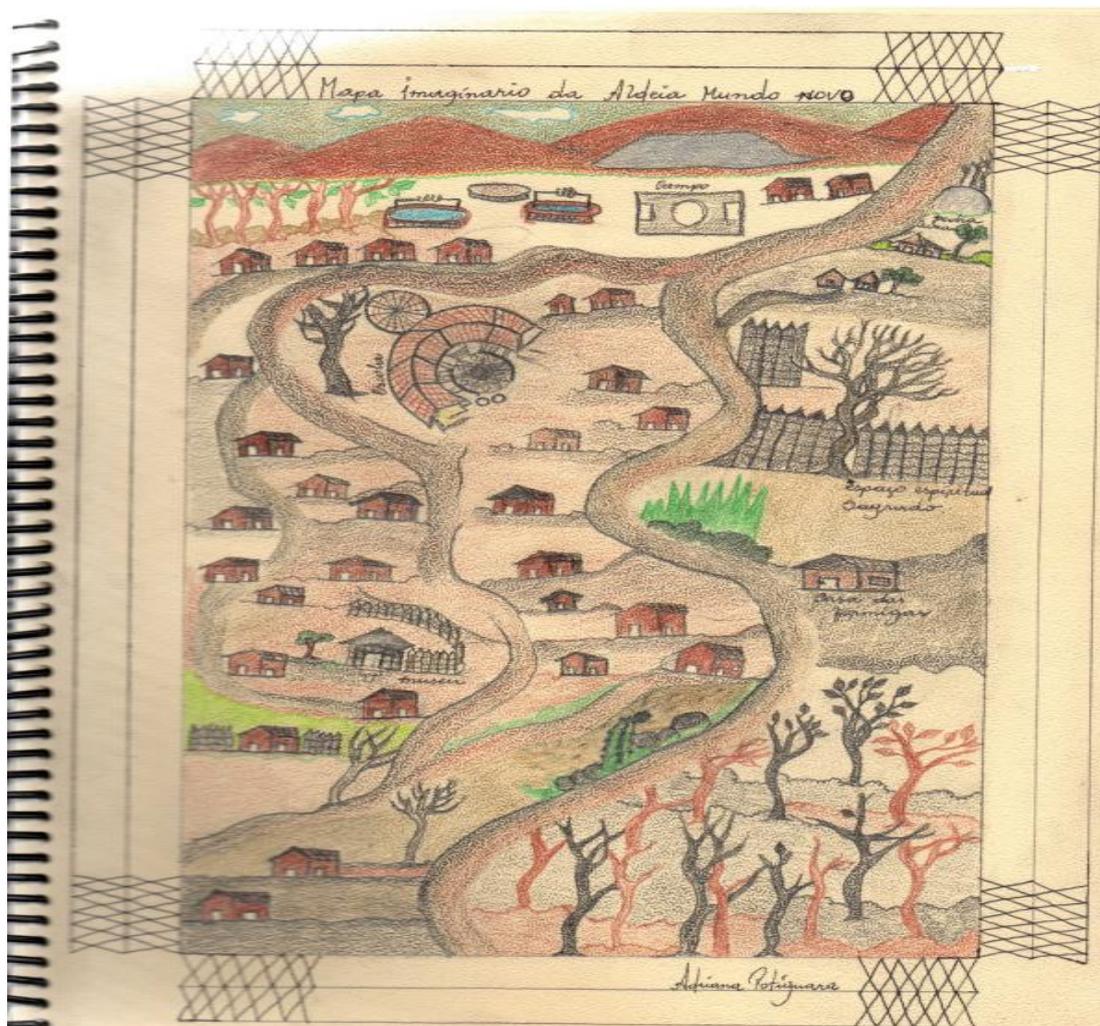
Universidade Federal do Ceará-UFC

Licenciatura Intercultural Indígena- KUABA

SEMENTES DA TERRA

MEMÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM

ALDEIA MUNDO NOVO





AUTORIA

Adriana Silva da Luz

Ilustrações

Adriana Silva da luz

Orientador

Professor Dr Carlos Kleber Saraiva

Curso

Universidade Estadual do Ceará- UFC
Licenciatura Intercultural Indígena-KUABA

Banca Examinadora

Professor Dr Carlos Kleber Saraiva- UFC
Professor: Suzenilson da Silva Santos- Doutorado UNILAB
Professor: José Cleber da silva Nogueira -UFC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- D11s da Luz, Adriana silva da luz.
Sementes da Terra : Memórias que não se apagam, Aldeia Mundo Novo / Adriana silva da luz da Luz. – 2023.
70 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Professor Dr Carlos Cleber Saraiava.
1. Aldeia Mundo Novo. 2. Língua Tupy Nheengatu. 3. Memória e Espiritualidade. 4. Potigatapuia. 5. Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. I. Título.

CDD 305.898098131

Agradecimento

Agradeço primeiramente nosso pai Tupã, por nos guiar nessa jornada do kuaba, e por permitir a cada um dos desafios enfrentados nesse percurso de interculturalidade, junto aos nossos parentes. Agradeço aos nossos ancestrais que deixaram um legado de ensinamentos, cultivados na nossa memória histórica e cultura e a permanência da língua que continuou viva na linguagem na terra e no território do povo. E o Professor Kleber Saraiva meu orientado pela dedicação e paciência durante todo o curso valorizando a trajetória juntos aos povos indígenas do Ceará. As lideranças a nível local da aldeia Mundo Novo, aos povos indígenas do Ceará, por a Luta e reivindicações de direitos por uma educação de qualidade que nos permitiu a entrar nas universidades somando nossos saberes.

Muito Obrigado (Kwekatureté)

Apresentação

Se aprofundar nas Histórias, Memórias e riquezas ancestrais existentes na aldeia são fundamentais para todos nós. Para atingir esse objetivo, procurei-lhe oferecer textos produzidos a partir da história da ancestralidade local, da biodiversidade nativa de plantas existentes no ecossistema da aldeia, Ywaka Pisasu (Mundo Novo) e fotos e ilustrações que representam cada um dos pontos citados e nos textos foram produzidos com conteúdo de conhecimentos locais. E a importância da espiritualidade indígena no local.

Mostra duas entrevistas pesquisadas no ano de 2002, de autoria própria que serviu como base nas confirmações da maioria dos conteúdos apresentados.

E em relação ao espaço territorial, um mapa imaginário produzido a partir de dados concretos da situação atual do movimento potigatapuia. A educação escolar indígena é voltada para a Aldeia, ou seja, o corpo e a alma, um complementa o outro. A sabedoria ancestral é uma de nossas maiores riquezas.

A mãe terra precisa ser respeitada e as plantas nativas são a roupagem que veste, mantendo esse patrimônio rico em alimento e saúde. Valorizando a medicina tradicional. Os lugares sagrados citados nos textos são referências de vivências, descobertas, subsistências do povo do lugar. Levando em consideração que as pessoas mais velhas da aldeia são as guardiãs dos verdadeiros conhecimentos e práticas, mostra ainda a participação ativa dos jovens diretamente e indiretamente no meio em que vivem e como meio de defesa do povo.

Os cantos com autorias de pessoas da aldeia Mundo Novo onde cada um expõe seu sentimento de pertencimento, de valorização da língua, da própria resistência e luta de permanência do povo no território até os dias atuais. Todos com seus sentidos, alguns atuais, outros históricos.

Na produção desta cartilha cultural também estão inseridos as memórias das vivências da infância, em meio ao povo.

SUMÁRIO

Breve Histórico do Povo Potiguara da Aldeia Mundo Novo.....	8
Mapa Imaginário da Aldeia Mundo Novo.....	13
Mapa atualizado da POTIGATAPUIA.....	14
Maneiro Pau.....	15
Educação Escolar Indígena.....	18
Educação Indígena.....	20
Língua Nativa.....	24
Espiritualidade e ancestralidade indígena.....	26
Museu Indígena Potigatapuia.....	30
Objetos do Museu POTIGATAPUIA Cepo /Pilão.....	31
Mitos e lendas Nesse Território.....	32
Mito da Origem potiguara A menina e a Cobra.....	33
Calendário Cultural.....	35
Economia.....	36
Descrição da Fauna e da Flora na Aldeia.....	37
A Luta pela a terra.....	38
Grupo: Kirimawa reiuiri yby (A força que vem da Terra).....	40
Cantos: A força das Maracas.....	41
A Luta Pela a Sobrevivência.....	42
Mitum Tupã ibakawá : Morubixaba.....	43
Abá pé.....	44
Kaapora.....	45

Lugares Sagrados.....	46
Fontes de água	48
Medicina Tradicional e Plantas que Cura.....	49
Imburana de Cheiro.....	49
Mameleiro.....	50
Juazeiro.....	52
Mamona.....	53
Balsamo.....	54
Lajeiro da Mata.....	55
Memórias de Criança.....	56
Casa de Taipa.....	57
Rede.....	58
Pilão.....	59
Pote.....	60
Tomar banho de Grota no Inverno.....	61
Frutas Silvestres.....	62
Coquinho.....	62
Goiabinha.....	62
Melancia da Praia.....	62
Juá.....	63
Imburana braba.....	64
Roçado.....	65
Ilustrações.....	66
Referências Bibliográficas.....	70

Breve Histórico do povo Potiguara da Aldeia

Mundo Novo

A Aldeia Mundo Novo fica localizada aproximadamente 18 quilômetros da sede de Monsenhor Tabosa, 35 famílias, se aproxima de 100 habitantes tronco Linguístico Tupy Nheengatu, povo potiguara. A história da família potiguara de acordo com a tradição oral relatada no livro povo Caceteiro da serra das Matas “A força que vem da Terra” chegaram nessa localidade chamada hoje de Mundo Novo no ano 1918, com três filhos. Ao todo tiveram dez filhos cinco homens e cinco mulheres, foi um depoimento recolhido por Teka a uma das irmãs Maria Paixão. A descendência potiguara cresceu dos homens que constituíram suas famílias. As mulheres todas eram moças e não constituíram suas famílias.

Esse povo era nômade e migrava da serra das Matas a serra da Ibiapaba foi chegando os colonizadores e ocupando com a atividade de pecuária assim sendo o povo foi se espalhando, muitos morrendo de doenças e outros pelos ataques dos colonizadores.

Veja alguns trechos de algumas das entrevistas realizados no período de 2001 a 2005 onde comprovam a perambulação e permanência dos potiguaras na terra onde vivem hoje.

Entrevistas realizadas no ano de 2002, durante o 1º Magistério Indígena no Ceará.
Autoria própria. Adriana potiguara

Entrevistado: Antonio Pereira da Silva, residente na Aldeia Mundo Novo, 53 anos de Idade na época. Nascido nesse lugar, filho de José Venceslau das Virgens e Francisca Pereira da Silva.

1. De onde os potiguaras Vinheram?

Do Jacinto Inhamuns e Mundo Novo

2. Para onde os Potiguaras Foram?

Os mais velhos para serra grande, Chaval, Camocim, Nova Russas, Tamboril Pedra Branca e Boa Viagem.

3. De que os potiguaras viviam?

Da Caça, pesca e de frutos silvestres.

4. Como os potiguaras foram perdendo suas terras?

Foi perdendo por causa dos outros que iam chegando e colocando (botando) cerca aqui pelo o lado do tanque da Gonçala é largo e por cima (riba) se acabou e Para monte vídeo é estreito.

5. Como vamos fazer para conseguir nossa terra de volta?

Só se for medindo a cerca que tem que se organizar muito para conseguir do tamanho que era, uma légua em quadro entre Xique –Xique e Mundo Novo com as divisas das águas Acaraú e Quixeramobim.

6. Antes qual era o tamanho da área?

Era grande. No tempo mais pra trás não tinha esse negócio marcado, era ai por conta do gado.

7. Como os potiguaras conseguiram permanecer num pedaço de terra?

Não abriram mão, enfrentaram e ficaram na terra. As vezes se juntavam e queimava as cercas feitas pelos invasores. Tudo que via enfrentavam.

Entrevistada: Maria Madalena do Espírito Santo, residente na Aldeia Mundo Novo, 67 anos na época filha de Francisco de Paula do Nascimento e Francisca Lopes do Nascimento (Hoje Maria Madalena já falecida)

1. De Onde Vinheram os Potiguaras?

As famílias dos potiguaras vinheram do INHAMUNS

2. Para onde os potiguaras foram?

Foi a primeira vez para chaval, por que não tinha nada para comer em 1932

3. De que os potiguaras viviam?

Viviam comendo pão de xique-xique essas coisas brabas. Em 42 fomos para a serra grande, todos de pés descalços gastava (demorava) oito dias para chegar lá.

4. Como os potiguaras foram perdendo suas terras?

Teve uma vez, que saíram do lugar atrás de recursos, chegou uma carta, vão que estão invadindo as terras, tinha feito cerca aqui as mulheres derrubam as cercas, na década de 30 queriam tomar.

5. Como vamos fazer para conseguir nossa terra de volta?

Trabalhar Juntos se não lutar, não tem quem vença.

6. Antes qual era o tamanho da área?

Era uma légua de terra, agora diminuiu só colocaram meia légua.

7. Como os potiguaras conseguiram permanecer juntos num pedaço de terra?

Conseguiram trabalhando juntos uns foram casando e fazendo casas e conseguiram ficar juntos.

São relatos importantes que contam memórias vivas do povo potiguara de Mundo Novo, como viviam em tempos de escassez. Em uma época que os alimentos eram mais difíceis, um povo nômade em procura de sobrevivência, pode-se perceber desde formação inicial de existência nesse espaço onde seus frutos permanecem até os dias atuais. A perambulação foi um meio de subsistência que ajudou a manter o povo vivo. E a terra que de onde é garantido o sustento do povo foi diminuindo sucessivamente até que restassem apenas as serras um pequeno espaço reduzido. Foi importante a bravura das mulheres que com suas mãos derrubavam as cercas para defender o território invadido pelos fazendeiros locais, depois de muitas lutas do povo para permanecer no seu território, conseguiram apenas ficar em um pequeno espaço reduzido onde dificultou a sua sobrevivência de produção de alimentos e a criação de animais para o seu consumo. É uma parte da história importante num espaço de tempo não muito distante.

Hoje o povo potiguara seu território está dentro de uma área que está em processo de demarcação de acordo com o último levantamento 05 de março do ano de 2023 contempla 4 povos POTIGUARA, TABAJARA, GAVIÃO E TUBIBA TAPUIA, 29 aldeias que faz parte do movimento POTIGATAPUIA, e está localizado nos municípios Monsenhor Tabosa, Tamboril, Boa viagem e Santa Quitéria uma área aproximadamente de 58 mil hectares com uma população aproximadamente 5 mil indígenas.

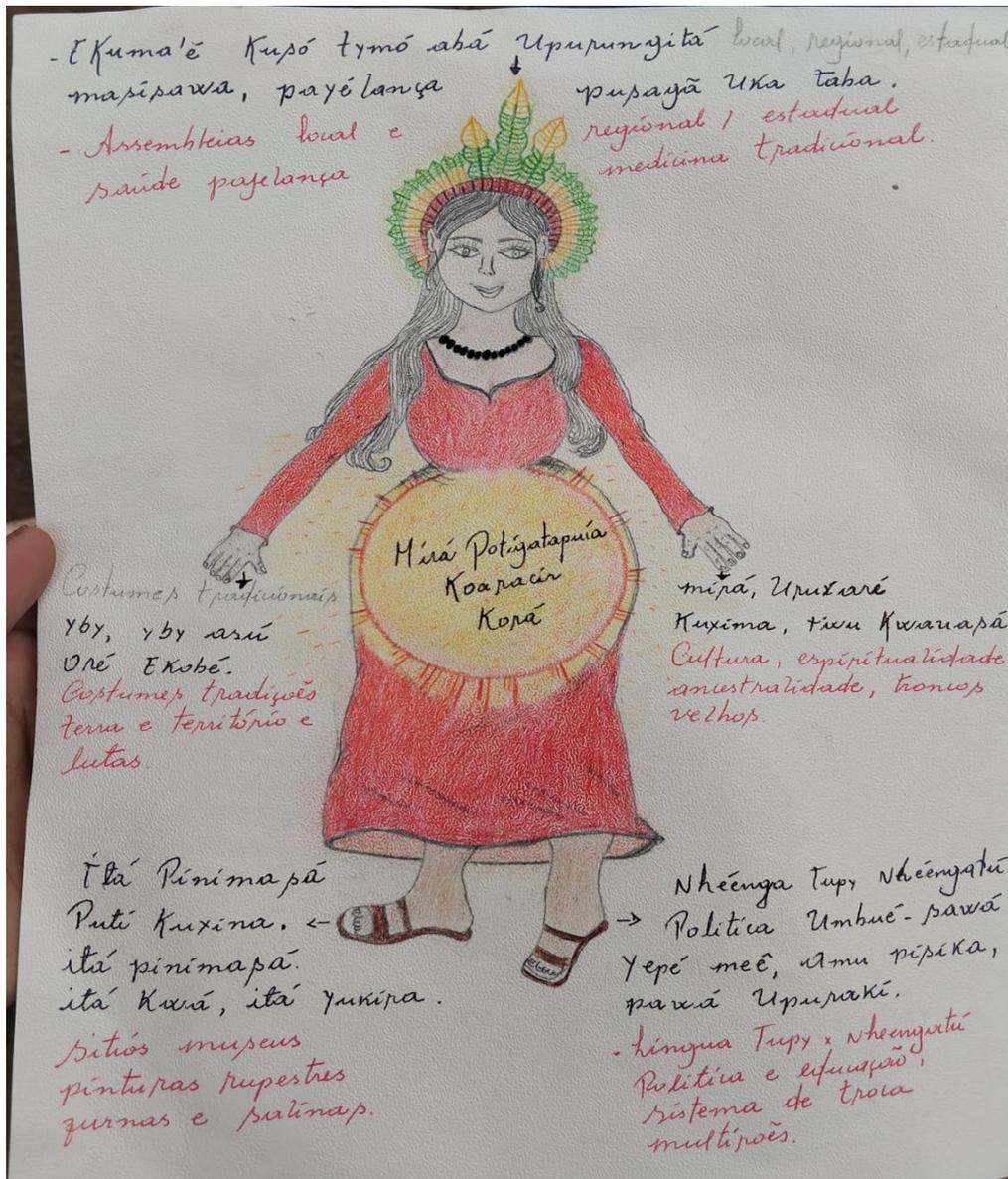
Esse movimento é atuante em 5 grandes linhas, a **primeira linha** é a de participação nas assembleias de nível local regional e estadual saúde pajelança e medicina tradicional. A **segunda** é de costumes tradicionais terra e território e lutas, a **terceira** é cultura e espiritualidade ancestralidade e troncos velhos, a **quarta** está relacionada a sítios museus, pinturas rupestres furnas e salinas a quinta a Língua Tupy x Nheengatu política educação e sistema de troca e mutirões.

5 grandes linhas do Movimento POTIGATAPUIA. Cada um desses pontos foi focalizado por Teka e as demais lideranças do movimento, traduzido por Diego potiguara, e a criação do desenho Adriana potiguara ano 2022, **Mirá potigatapuia kuaracy korá**.

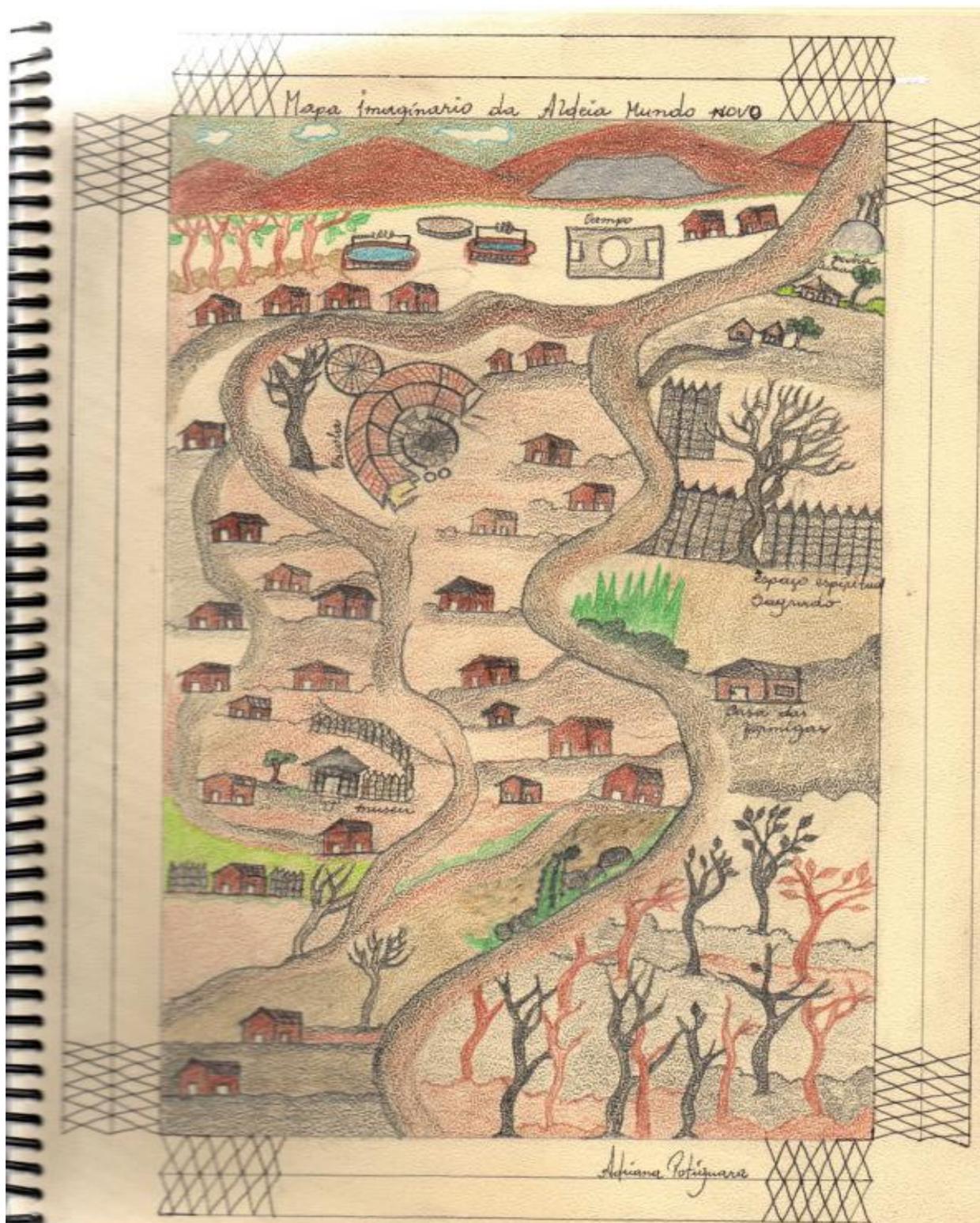
Foi necessário criar um desenho que nele representasse as cinco linhas do movimento potigatapuia, inicialmente foi feito o sol, mais ele sozinho não alcançaria o tamanho da extensão da dimensão e junção da materialidade e espiritualidade, na sequencia o desenho do cocar, mais ele sozinho não preencheria todo o espaço, surgiu a ideia de um rosto feminino e imaginei, a que se aproximaria das linhas, poderia ser essa figura mais junto com ela trazendo símbolos. A mulher em si caracterizada vendo sua potencialidade. A mulher com sua capacidade de gerar vida, que é onde se manifesta o sagrado forma uma mistura interessante chegando mais perto do dimensional desejado.

No cocar ela traz a força do encantado, o controle da ação a serenidade fortalecimento do espirito, onde busca o fortalecimento mutuo.

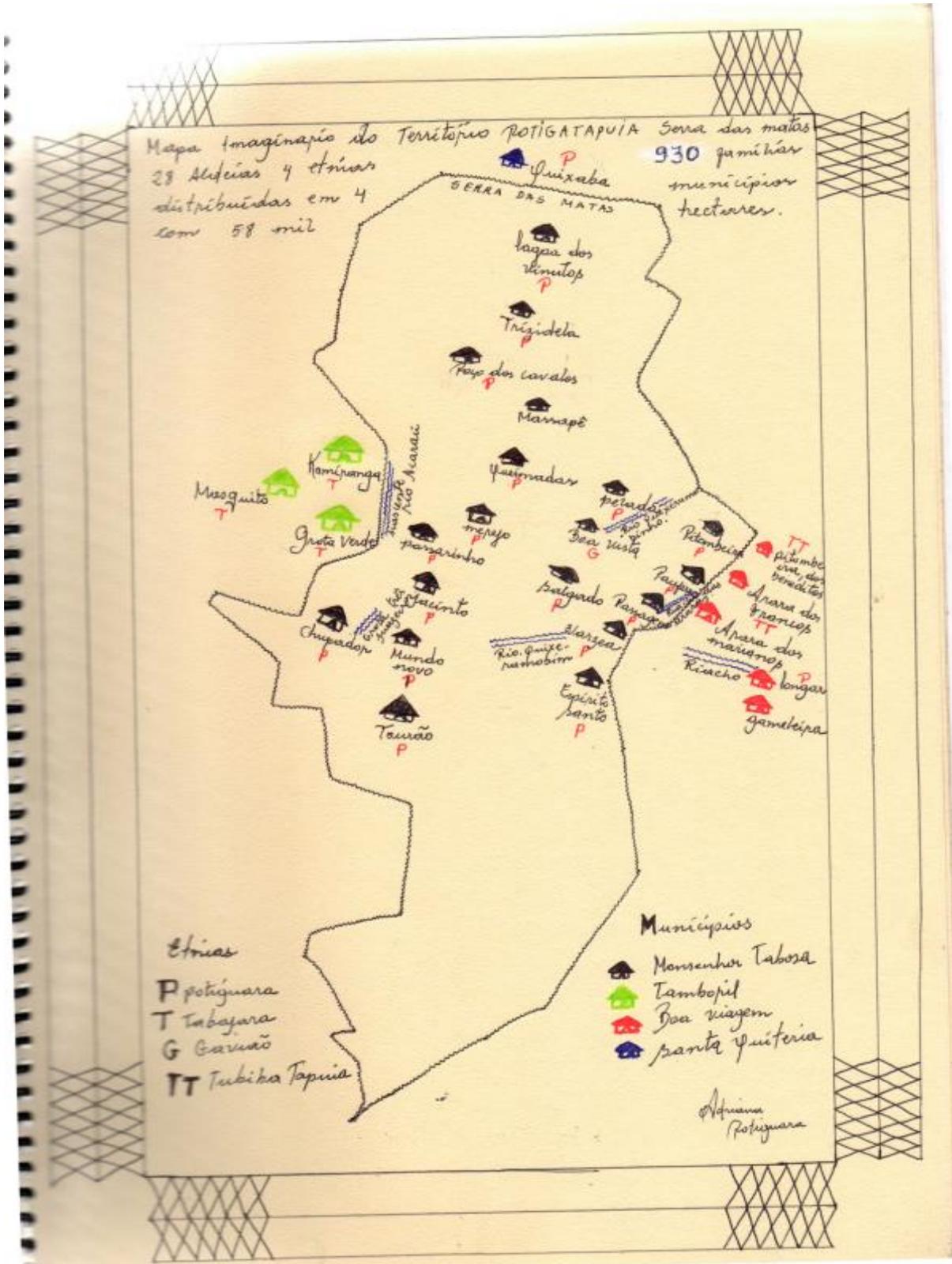
Esse desenho, está em uma banner onde o movimento utiliza nas apresentações , em espaços públicos, da escola, assembleias e reuniões de natureza local, regional.



Mapa Imaginário da Aldeia Mundo Novo (criação e ilustração própria Adriana Potiguará)



Mapa Imaginário do Movimento POTIGATAPUIA (criação e ilustração própria Adriana potiguara)



Maneiro Pau

Maneiro Pau é uma dança em homenagem aos povos mais antigo da Aldeia Mundo Novo, povo potiguara. E o cacete utilizado na dança é de uma árvore nativa da caatinga existente no local, o Jucázeiro é bastante resistente. De acordo com relatos ancestrais da aldeia, toda a migração foi importante e muito marcante para a perda da terra. Nas temporadas escassas que eles migravam para outro espaço atrás de alimento, nessas épocas os fazendeiros locais aproveitavam e faziam cercas dentro do território diminuindo seu tamanho. No momento que eles retornavam que se deparava com as cercas dentro do território as mulheres da aldeia tomava frente com o cacete feito do jucá, e colocavam a cerca abaixo, isso se repetia a cada vez que migrava a procura de alimentos.

E ao longo de muito tempo, o espaço foi diminuindo reduzindo a serras e ficando assim insuficiente para plantação de roçados e criação de animais. É uma dança que tem um valor histórico. Hoje ela é realizada em eventos culturais faz parte da história em tempos diferentes e espaço real no decorrer da história do povo na Aldeia Mundo Novo Povo Potiguara Município de Monsenhor Tabosa Ceará.



É um ritmo contagiante, ao som dos tambores e da força do juazeiro, é uma luta que ultrapassou um espaço de tempo memorável e de muitos significados para o povo, cada um dos passos dançados no jogo do cacete representa resistência indígena para o povo do local, seus descendentes dos caceteiros trazem na geração uma força que a olho nú, não pode ser explicada, a cada musica a cada passo, e cada integrante do grupo, pertencente a aldeia, no ar gera uma sintonia incomparável. É uma comunicação de força, que podemos sentir quando o vento bate no rosto, na inercia, no movimento do corpo que se faz presente, é sentimento valioso, por carregar algo sagrado. A cada integrante que entra para fazer parte dos pares o ritmo continuam contagiante, ao mesmo som, as mesmas musicas. Todos os componentes representados na foto acima são descendentes dos caceteiros ancestrais, com linhagem sanguínea grau de parentesco perto.

Na foto acima.

Jardel, André e Edson são irmãos, bisneto de um dos ancestrais da aldeia, Ronaldo (bisneto) Vandinho (neto) e Alcides (bisneto) e o Raul é filho de um dos netos da primeira geração dos ancestrais da aldeia.

Alcides é jovem, hoje ele é o pajé da aldeia, bisneto de um dos primeiros ancestral da aldeia, foi surgindo seu dom naturalmente. É uma pessoa que procura sempre aconselhar, ajudar as pessoas na aldeia, ele também é uma artista artesão trabalha com madeira, aprendeu a fazer esse tipo de trabalho sozinho, observando a natureza e os pássaros, e a madeira que ele utiliza para fazer esse trabalho é madeira seca, ele faz com os galhos de arvores que já estão caídos no chão.

Foto arte indígena produzida por Alcides Potiguara, pássaros é um cabeça vermelho.

Essa dança é uma homenagem as memorias ancestrais da luta pela a terra do povo da aldeia, Mundo Novo. Hoje é um ritmo dançado pelos os homens onde representa a bravura das mulheres, e do povo em geral da aldeia.



Jardel é um dos componentes do grupo que canta e também cria musica. Traduzidas para a língua nativa, ele é bem jovem tem o domínio da língua, tupy x Nheengatu. Atuante no movimento **potigatapuia** a nível local, regional, e estadual.

E os demais são componentes e fazem parte do grupo de jovens na aldeia.

Educação Escolar Indígena

A Educação Escolar Indígena, garante aos povos indígenas, suas aldeias e comunidades povos a recuperação de suas memórias históricas, reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas ciências, bem como o acesso as informações, a conhecimentos científico nacional das demais sociedades indígenas e não indígenas.

São direitos que estão assegurados na atual constituição de 1988, A escola indígena ela tem uma responsabilidade importante, além dos ensinamentos nativos como base que faz parte da vivencia cotidiana e aprendizados adquiridos no decorrer do tempo, espaço, temos que garantir também os ensinamentos convencionais, que o público alvo, da educação escolar indígena. Precisam ser ensinados.

A educação escolar indígena tem uma responsabilidade que diferencia, da educação escolar formal. Ela inclui automaticamente como Teka potiguara sempre fala, a CASA, FAMÍLIA, ECONOMIA E ESPIRITUALIDADE, são partes que formam o corpo da educação escolar indígena, a comunidade educativa está inserida diretamente na vivencia e convivência de cada membro que faz parte desse corpo. Tudo e todos são importantes, um complementa o outro de forma sincronizada. Mais necessariamente precisam ser sistematizados os ensinamentos organizados didaticamente, para um melhor complemento da educação, se esses ensinamentos forem sistematizados os seus conteúdos vivenciados e assegurados na LDB.

O artigo 210 nos assegura a formação básica respeitando os valores culturais, incluindo valores artísticos além de estadual há nível nacional, e as línguas maternas. A própria constituição assegura, apesar do próprio sistema educativo ainda não ser totalmente aberto em relação à inclusão de disciplinas diferenciadas com relação à língua materna, podemos cita um exemplo: na grade curricular da Escola Indígena Povo Caceteiro. A língua nativa Tupy x Nheengatu foi inclusa no sistema no primeiro momento nas series iniciais a escola só podia trabalhar nessas series. Mais recentemente a língua foi Cooficializada no Município de Monsenhor Tabosa, podendo ser inclusa nas outras series da escola.

Esse projeto trouxe a autonomia segurança que a escola precisava pra dar continuidade a um trabalho que há mais de vinte anos já existia, para acontecer foi necessária uma organização de nível local, e municipal.

O movimento potigatapuia tem um representante indígena, vereador Vicentinho é índio e mora na Aldeia Espirito Santo, dentro do território potigatapuia que nos ajudou a concretizar o sonho da coofilização, o projeto apresentado pelo o representante do movimento vereador Vicentinho, foi aprovado com unanimidade na câmara dos vereadores no município. Seguimos sabendo da importância da organização social, e politica dentro do movimento, outro projeto importante para as aldeias, foi o projeto das nomenclaturas identificando (conta de luz) para a ENEL, cada uma das residências indígenas, é ganho coletivo para o movimento indígena, para todos que foram contemplados são direitos básicos. Tem uma luta muito grande por trás, das lideranças indígenas.

É fato mesmo a lei garantindo, tem todo um movimento de luta, obstáculos ultrapassados que as lideranças juntamente com o movimento enfrentam, perante os órgãos competentes para que esses direitos sejam respeitados, é uma luta de natureza coletiva e continua. Direitos educacionais, culturais, territoriais é um conjunto de direitos necessários, que faz parte da luta cotidiana do povo, e do movimento. E a importância de parceiros é um movimento que sempre vem obtendo parcerias que ajude e colabore.

Sabemos que a educação escolar indígena, está contemplada dentro do plano nacional de educação, na lei 10.172, ela prevê a universalização da oferta de programas educacionais para todas as series do ensino fundamental, garantindo a participação das comunidades indígenas desde o projeto pedagógico até as decisões.

Educação Indígena

A educação indígena é educação vivenciada na aldeia, são os ensinamentos básicos que consideramos ancestrais repassados com base na convivência do dia a dia e a oralidade das famílias extensas e nucleares. A convivência no meio social, os vínculos familiares faz se importante e por ser algo natural dentro da aldeia juntamente com as famílias que tem e mantêm um convívio diário aprende naturalmente, sem muito esforço por que são hábitos e praticas normal.

É importante lembrar que a educação indígena está interligada diretamente a natureza, entendemos que fazemos parte de um conjunto de elos importantes direcionados a nossa coexistência, e que a mãe terra precisa ser cuidada respeitada e valorizada, é dela que tiramos o nosso sustento, se ela está sadia ,consequimos nos manter saudios , entendemos que se está doente também adoecemos.

A natureza é sabia, tem seu próprio curso, por isso costumamos acompanhar e tentamos nos adaptar a cada ciclo, sabemos a sua importância. Baseamo-nos sinais que ela emite. A cada estação ela muda e na velocidade de cada uma tem suas características próprias e especificidades, a exemplo podemos citar os períodos demarcados como exemplo: Inverno nesse período é de produção de alimentos, cria muita água nas nascentes, nos açudes, nos rios, nos cacimbões e armazena água, a natureza se regenera e a camada superficial da terra fica totalmente coberta com as ramagens verdes, mostrando a biodiversidade existente no espaço térreo.

Quando chega a estação do verão aqui na nossa região por ser uma terra seca e árida se torna mais quente, toda a camada verde some formando um cenário totalmente diferente do inverno como as arvores da caatinga, são de porte fino sua maioria de raiz profunda, todas as folhas secam caem das arvores ,ficando apenas o tronco de pé mudando todo o cenário, as pessoas e os animais são habituados às temperaturas dessa época mais quente. Nesse período a natureza fica mais fragilizada por ser um período quente.

Todas as pessoas que convivem nesse meio da natureza desde pequeno já conhecem o sentido o que cada uma das épocas representa para a comunidade. E sabe também que para evitar os tempos mais escassos severos, a preservação das matas, dos animais faz parte da responsabilidade de garantir uma melhor sobrevivência para as pessoas e a biodiversidade nativa do local.

O cuidado com a natureza ele é contínuo, usar o que pode ser usado e preservar para garantir uma sustentabilidade maior, a terra é a nossa mãe ela garante todo o nosso sustento. Dentro da educação familiar, é ensinado esse cuidado que devemos ter para garantir a permanência sadia de cada um ser que habita na terra, observamos desde muito cedo que a sintonia de todos os seres vivos deve ser mantida em harmonia para garantir a biodiversidade dos futuros descendentes que sucederão os atuais descendentes. Não podemos destruir para não alterar o ciclo da vida, ela é o bem mais precioso para cada um ser vivo.

A educação indígena é sagrada, não podemos passar por cima dela, atropelando seus ensinamentos, é um vínculo que já nasce com a pessoa que vive dentro de um grupo étnico, é um dos ensinamentos culturais fundamentais para a população indígena, que faz parte da competência dos currículos das escolas indígenas por que nascemos interligados a esses saberes fundamentais que nos diferenciam da educação escolar convencional. E sobre tudo cada grupo étnico cuida da mãe terra de uma maneira por ser de espaços diferentes mais com o mesmo sentido de manter os recursos naturais preservados.

Sabemos a dinâmica do espaço territorial onde vivemos, é tocante aqui para os povos do nordeste brasileiro o clima é quente e árida terra seca, existe suas riquezas mais para mantê-las, aprendemos a valorizar o essencial para a boa sobrevivência. Por gerações esses conhecimentos ancestrais foram sendo repassados de membro para membro da mesma família. Assim os conhecimentos nativos permaneceram enraizados até os tempos atuais.

Agora entramos em uma nova era de organizar sistematicamente esses saberes para preparar a geração futura esse novo tempo nos permite utilizar essas ferramentas contemporânea que estão em nossa frente, precisamos estar interligados a conhecimentos que nos ajude a valorizar e a produzir materiais diferenciados com recursos próprios. Com base em todos esses conhecimentos ancestrais já temos alguns matérias publicados muito pouco ainda, temos algumas apostilhas produzidas que na sua maioria serve como material de apoio para com o diferenciado na educação formal, ainda há muito que deve ser feito com relação a produção e os povos também precisam de apoio para divulgação desses matérias de produção, coletiva e interna nas aldeias e escola.

Essa base de educação indígena, não é possível ser produzida especificamente por os ños indígenas, esses conteúdos só pode ser manifestado pelos os próprios indígenas, posso até justificar por conta do pertencimento, e é saberes diretamente vivenciado, apenas uma pesquisa de base por algumas semanas ou meses, eles não substituem todo o conhecimento vivenciado da àquele povo. A pesquisa ela ajudar na divulgação, mais na produção levando em consideração as especificidades de cada povo ou aldeia, deve ser direcionada por o próprio povo, e por a própria aldeia. Nessas circunstâncias o que precisamos é de parceiros e instituições que nos oriente a organizar esses conteúdos e a elaborar esses matérias, uma vez sistematizados devem ser compartilhados entre os povos, para uma troca de saberes, e divulgados entre o meio educacional, do povo brasileiro.

Em especial na Aldeia Mundo Novo, a educação indígena citada acima faz parte do cotidiano da aldeia todas as convivências e os conhecimentos ancestrais repassados de pais para filhos, de todo o núcleo das famílias extensas e nucleares dentro da aldeia. É uma educação embasada nesses ensinamentos, tornamos como base podendo ser trabalhado na educação escolar indígena na aldeia.

Na constituição, está assegurada aos povos a formação básica, às comunidades indígenas o uso da língua. É um direito constitucional o plano nacional de educação ele

já prevê a criação de programas que seja específico para as escolas indígenas, dando autonomia à escola e o povo inserir conteúdos voltado para a realidade do povo desde a criação do projeto político pedagógico baseando se na especificidade da escola e povo.

Foto: Escola Indígena povo caceteiro Aldeia Mundo Novo



Língua Nativa

O próprio espaço territorial mostra uma linguagem presente que permanece viva, dentro do território indígena POTIGATAPUIA temos riquezas ancestrais que são denominados bens imateriais, tem um valor simbólico, como: sítios arqueológicos pinturas rupestres, serra da salina, serra do Camiranga, três juazeiros, serra da Mantiqueira(serra que chora),mata do jatobá ,pedra da mesa, tamanqueiras, pedra da moça, pedra do roncador, olho d'água do pinga, serrote dos morcegos, nascente do rio Acaraú, pinturas rupestres, serrote do pinga, pedra da pelada, trincheira dos gavião, cruzeiro, caverna da salina, passagem de uma onça, plantas que choram, serrote do João campo e olaria dos pedrosa. Esse foi um levantamento coletivo feito pelo o Movimento potigatapuia, com representação de todas as aldeias no dia 08/08/ 2022, e cada um desses bens imateriais estão localizados dentro de uma aldeia no território que está em processo de demarcação, vale ressaltar que essa Terra Serra das Matas é um território delimitado por área continua uma aldeia emenda na outra aldeia. Onde uma começa a outra termina.

Não é difícil perceber que a língua Tupy está presente nos nomes dos lugares dentro do território onde estão delimitadas as aldeias, cada uma das comunidades presentes no território, tem uma marca simbólica ancestral forte e presente no nosso cotidiano.

Desde muitos anos, a linguagem permaneceu viva na aldeia se fez presente na oralidade, falada no cotidiano, durante muito tempo mostra essa linguagem no território no espaço, ex: A Aldeia Mundo Novo povo potiguara, tem um de seus bens imateriais citados no texto a serra da Mantiqueira é uma serra sagrada que chora, informando a aldeia acontecimentos que poderão surgir na aldeia, de natureza não muito boa, existe outros lugares como: **zarisco, Zarassá, Coatís, monte videl**, nos nomes dos animais, peba, tatu, **mambira, girita**, de plantas, como ex: aroeira, xiquexique, jenipapo, alecrim, cedro, sabiá entre outras existente na aldeia.

É justificável que podemos levar em consideração a linguagem que permanece viva, dando credibilidade ao território, e ênfase a sua linguagem tão sagrada quanto o território.

A linguagem pesquisa e oralidade presente foi uma das ferramentas que nos deu sustentabilidade para dar continuidade de carregar conosco a língua materna, na sucessivamente dando continuidade a trabalhos de pesquisas de estudos realizados por as lideranças do movimento potigatapuia, em especial Teka Potiguara uma das grandes pioneira de luta para melhorar a educação na escola, e fazer valer os direitos linguísticos assegurados na atual constituição de 1988.

Mais de vinte anos depois a língua foi sistematizada na educação escolar Indígena. Recentemente a Língua Tupy Nheengatu foi reconhecida como língua Cooficial no município de Monsenhor Tabosa, foi uma lei sancionada em 03 de maio de 2021, Lei nº 13 de Maio de 2021.

Espiritualidade e Ancestralidade Indígena

Falar de Espiritualidade e ancestralidade indígena em especial, devemos sempre analisar cuidadosamente, estamos falando de natureza sagrada algo que pode ser visto, sentido, ouvido e tocado, por poucas pessoas, a dimensão espiritual, não é a mesma dimensão material. É um dom herdado ancestral ele surge naturalmente na pessoa, se tornando leve, por não ser forçado. Com o decorrer do tempo, vai acontecendo episódios que nem a própria pessoa consegue entender, a própria vivência e natureza mostram os sinais, a pessoa vai aprendendo interpretar ao longo da caminhada.

Dentro da aldeia é necessário está em sintonia com a natureza do lugar, o ambiente sagrado ele se torna mais valioso quando ele está sadio. Quando a mata está conservada os seres diversos que existem dentro dela, um complementa o outro, a exemplo podemos citar a diversidade de plantas, que sustenta a água em suas raízes dando sustentabilidade na terra, fazendo com que os animais voltem a permanecer na àquele local, ao entrarem em sintonia se torna um lugar de ar puro, alimentando a mãe terra dando a ela os recursos necessários para também alimentar os povos nativos ali existentes.

Na cultura ancestral, para produção de alimentos é preciso que a terra permaneça sadia para produzir um bom alimento, para a produção de remédios, faz se necessário à diversidade de planta continuem vivas, o sagrado não é diferente, a natureza é importante para trazer paz e energias positivas para o lugar. Desde muito pequeno o indígena ele aprende a conviver com a natureza identificando cada um dos sinais que ela emite. Só se torna possível isso com os conhecimentos ancestrais, e a criança ela vai aprendendo a importância que cada um dos seres da natureza tem, para conservar, e já cresce sabendo que não pode destruir. Os ensinamentos eles são aprendidos na convivência diária, dentro do ambiente em que se encontra conhece com facilidade os nomes de cada uma das plantas, e já sabe identificar as principais que são utilizadas para remédio na aldeia, as que produzem frutos silvestres, e aquelas.

plantas em específicas que servem para a cura espiritual, são plantas resistentes que tiram a negatividade do ambiente impedindo que essa negatividade chegue até a pessoa, e de retirar negatividade da pessoa em si, nos animais conhecem os que servem para alimentação por que naturalmente tem o hábito de se alimentar aprendem também que dependendo da época não pode caçar todos os animais mesmo sendo para a alimentação, e como a natureza é diversa cresce ouvindo o som dos pássaros, tendo a capacidade de diferenciar cada um, e o poder que cada um em específicos traz com sigilo no campo da espiritualidade, aprendem a interpretar os sons que eles emitem e dependendo da característica do animal a mensagem e o aviso que eles trazem, para a população na àquele momento.

Quando a pessoa ela traz os dons de domínio mais importantes da ancestralidade, é desde muito pequena ela começa a emitir sinais. Esses sinais eles vão mudando de acordo com o tempo e entendimento da criança mais também Pode haver casos que esses dons se manifestem somente na fase adulta, a criança por ser pura, ela deve ser conduzida a levar essa sabedoria sempre para o lado do bem, é uma força que deve ser respeitada, valorizada e preservada.

A capacidade de entender o que se passa no ambiente, a pessoa, ou as pessoas nesse campo da ancestralidade espiritual, pode adquirir o domínio de acordo com as experiências práticas que a própria natureza espiritual manifesta na àquela pessoa em específico, ou na àquelas pessoas em específicos, por existir pessoas mais sensíveis e que tenha uma facilidade maior de entender para dominar, outra ou outras tem mais dificuldade e por isso muitas das vezes não exercem o seu dom tão espontâneo quanto à natureza, tudo que é diferente assusta, até todos entenderem essa diferença requer tempo e experiência.

Entretanto a corrente sanguínea ancestral de um grupo ou etnia em especial, pode se manifestar de maneiras diferentes, e levando em consideração quando o parentesco dentro do grupo ou aldeia é mais próximo, uma vez esses dons eles podem se manifestar muito afluído na população daquele grupo em geral e de formas diferentes, alguns com domínio de mais conhecimentos específicos outros com menos,

mais a sua maioria populacional tendo e sentido na pele a herança ancestral.

A exemplo: Aldeia Mundo Novo Povo potiguara, tem suas crenças, suas cultura o jeito de ser de se relacionar com o mundo com a natureza com as pessoas, e acreditam em Deus , que os pensamentos bons eles atraem coisas boas, a convivência com a natureza traz com sigo o que necessitamos para nos alimentar , e preservar o corpo espirito e alma. O corpo se alimenta do que é produzida a matéria física e com ele traz a paz de espirito a conexão com a natureza, pensamentos positivos em relação a se e ao próximo para conservar a alma de bons ensinamentos para permanecerem vivos, esses são os pilares que precisam ser mantidos em equilíbrio para que se tenha domínio do restante que se é possível. A sabedoria ancestral está interligada diretamente a natureza a mãe terra. E aos pilares da sabedoria ancestral, devemos sempre está interligado a esses três pontos e fatores importantes para a nossa sobrevivência.

Na aldeia Mundo Novo todas as famílias tem um grau de parentescos muito perto, irmãos, sobrinhos, netos, primos de primeiro grau, filhos de pais irmãos, da se a perceber que esses manifestos de sensibilidade é mais a florados na maioria das pessoas da população da aldeia ,percebemos de maneira diferente em cada pessoa tem seu talento.

Alguns exemplos, e dons de natureza espirituais são a florados, existe uma parcela de pessoas **intuitivas**, outras sonham com possíveis eventos que acabam acontecendo com pessoas na aldeia, eventos de natureza não muito boa, ou boa. Outras na arte de ciência de fazer remédios caseiros: o azeite de mamona é um remédio que tem uma ciência pra fazer, nem todo mundo consegue fazer há especificidades que pode perder a composição não gera o azeite. Em outros no simples movimento do vento já consegue identificar o aviso que a natureza manda. E no vapor, se ele vem quente ou natural. E as experiências que se manifestam no canto dos pássaros que as pessoa já identifica o movimento. Todas essas citações acontecem na vivencia da aldeia, e cada pessoa que sente é normal por que já tem a sensibilidade de ver sentir ouvir.

Ainda há aquele mais sensível que consegue se comunicar naturalmente com a espiritualidade, essas pessoas tem o direcionamento mais direto, ela consegue sentir, ouvir, ver e falar, além interpretar esses eventos que são obra da natureza e direcionamentos que a espiritualidade nos traz.

Apesar de que, não há comprovações de forma científica que as prove, Mais esses eventos relatados, com base nas vivencias e experiências que acontece ao longo de muitos anos e com a descendência em épocas diferentes, então é uma justificativa consistente de que o grau de parentesco tenha relação com a sensibilidade da população da aldeia. São experiências que não foram relatadas com todos os detalhes, por respeito ao povo e as especificidades da aldeia.

Acreditamos em Deus, ele é o único ser grandioso e verdadeiro, adoramos da nossa forma, respeitamos a espiritualidade ela se renova em cada geração da aldeia com seus ensinamentos práticos e de defesa do povo. Respeitamos e acreditamos no sagrado que se manifesta na nossa geração intuitiva.

Museu Indígena POTIGATAPUIA

O prédio que deu lugar o museu na aldeia hoje, é o antigo prédio que já funcionou, a primeira escola municipal na década de 90, e na sequência a Escola Indígena povo caceteiro, esse museu tem objetos bem antigos e de muitas significações para o povo da aldeia, que já foram utilizados por nossos ancestrais dentro do espaço da aldeia, e do espaço no território POTIGATAPUIA.



Fotos de alguns objetos do museu: Foto Diego

Objetos do Museu POTIGATAPUIA

Cepo

O cepo foi utilizado durante
Muitos anos para as mulheres
Na aldeia dar a luz.



pilão

Hoje ainda é utilizado para
pelar milho, pisar pipoca
E com plantas medicinais pisar.



Mitos e Lendas nesse Território

De acordo com o mito de criação da menina e a cobra, somos filhos de uma mulher e uma cobra, esse mito esta sendo repassado de geração a geração, faz parte de um bem imaterial do povo da aldeia. É baseado neste mito é que as cobras são respeitadas e as pessoas da aldeia não as maltratam.



É um mito que foi repassado através da oralidade e pesquisa.

Mito da origem potiguara A menina e a Cobra

Mito pesquisado e regatado durante o curso de magistério Indígena.

“Uma mulher que tinha muita vontade de ter filhos”. Quando foi um dia ele saiu para a mata e falou para as arvores:

Mãe: Eu queria ter um filho nem que fosse uma cobra.

Tempos depois essa mulher ficou buchuda e teve uma barriga de dois, uma menina e uma cobra. Jogaram a cobra no mar e ficou a menina sendo criada pelos os seus pais. Quando a menina estava mocinha, morreu sua mãe ela ficou sendo criada por seu pai. A menina ficou moça e um dia pegou a mexer nas coisas do seu pai e encontrou um anel de tucum, pegou o anel e colocou no dedo, ficou bonzinho para ela. Ela saiu correndo e foi mostrar o seu pai. O pai vendo ela com o anel no dedo ficou assustado e falou:

Pai falou: Você agora vai casar comigo por que sua mãe disse que eu mim casasse com quem esse anel servisse.

Respondeu a cunhã: eu não vou casar com você por que você é meu pai.

Seu pai insistiu que ia casar com sua filha. A cunhã saiu para a beira do mar e pediu ajuda a sua irmã. Chegando ao mar pediu ajuda, pois nosso pai quer casar comigo, por que o anel que nossa mãe deixou serviu para mim e ele falou que ia casar comigo.

Falou a irmã Cobra: deu-lhe uma caixinha de pau e disse: vá para outra aldeia e procure uma mulher que tenha um filho rapaz, e você fique sempre desarrumada, para eles pensarem que você é feia e no começo o rapaz não vai se interessar por você. O tempo passou e tudo estava bem na aldeia, até que houve uma grande cerimonia de casamento, a irmã cobra pediu que a cunhã fosse em direção ao mar chegando lá, lhe presenteou com um vestido da cor do céu com todos os planetas, chegando lá na festa ficou irreconhecível, ficou toda a noite de festa com o rapaz filho da mulher onde estava morando. No dia seguinte voltou novamente ao mar, e sua irmã lhe deu um novo vestido da cor do campo com todas as flores, no outro dia lhe deu outro vestido da cor do mar com todos os peixes, e pediu quando ela fosse se casar na hora da cerimonia chamasse.

Por ela, só assim ela desencantaria. E voltaria a ser uma cunhã como a sua irmã e até os dias de hoje ela continua encantada no mar. E assim começou a geração dos potiguaras, do casamento da cunhã.

Calendário Cultural

Nele estão representadas as atividades de subsistência presentes que são realizadas durante o ano na aldeia, as ilustrações representadas de acordo com a sequência do mês, e traduzido para o Tupy Nheengatu. Foi criado a partir da necessidade de sistematizar as ações da preparação da cultura alimentar ancestral.

Sistematizado: Diretora, e professores locais Aldeia Mundo Novo Escola Indígena povo caceteiro

Ilustrações Adriana Potiguara.



Economia

O meio de subsistência das famílias nucleares e famílias extensas hoje na aldeia, se dá por meio da agricultura familiar, plantação de sementes, milho, feijão, fava, jerimum, melancia, a cultura da agricultura ainda permanece enraizada. Existem dois pequenos comércios aonde abastece alimentos industrializados para o consumo, no dia a dia, não é permitida a venda de bebidas alcoólicas na aldeia desde a sua fundação, isso permanece até os dias de hoje.

A educação é uma parte importante, onde através dela a aldeia teve uma melhora na situação econômica há algumas famílias que seu trabalho depende da educação. A economia melhorou a partir do ano de 1999, quando a educação começou dando um ponta pé inicial.

A partir daí com seus primeiros passos, a energia chegou na aldeia, conquistamos o primeiro espaço escolar, com a retomada do prédio que já era do lugar por que foi construído dentro do espaço do povo.

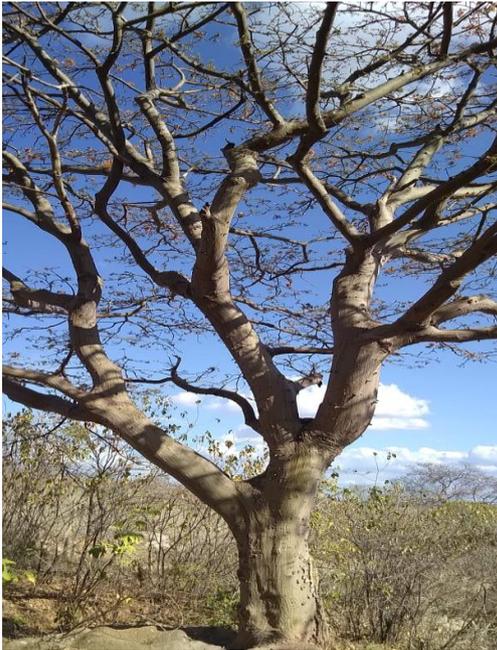
Depois de uma luta mais de dez anos foi construído o prédio escolar, com todos os equipamentos e ferramentas necessárias para melhorar a qualidade do ensino.

O sistema de troca ainda permanece, no lugar, todas as famílias de base na aldeia tem uma forma de subsistência, para o bem viver e viver bem. Quem tem mais, ajuda os que têm menos e assim todos tem um meio de subsistência. A liderança Teka potiguara tem um papel importante na melhoria e qualidade de vida do povo da aldeia, já foi um povo esquecido por as autoridades locais. Foi uma das primeiras aldeias a se auto identificar como indígena no município de Monsenhor Tabosa. Hoje a sua maior parte da população tem uma escolaridade boa, tem muitos jovens professores com formação de nível superior. A escola Indígena povo Caceteiro tem as modalidades desde pré-escola ao 3º ano do ensino médio regular. Tem uma especificidade que diferencia a valorização da língua nativa do povo, Tupy Nheengatu, já existe essa disciplina incluída no sistema curricular da escola, ainda não em todas as modalidades. É um avanço significativo já temos dentro da escola falantes com fluência. E todos os membros da aldeia reconhecem o esforço e dedicação da liderança maior Teka potiguara.

Descrição da Fauna e da Flora na aldeia.

A nossa flora está sendo restaurada, através da nossa consciência, não podemos queimar desmatar, e matar os animais. A nossa flora é composta por varias espécies de plantas nativas como: **Mulungu angico, imburana de cheiro e barriguda.**

Mulungu



Angico



Imburana de Cheiro

Barriguda

A Luta Pela a Terra

É uma luta ancestral, desde muitos anos o povo vem renovando as suas armas em favor da recuperação do território, a cada geração o fortalecimento fica mais consistente. A luta pela a terra, ela não se contextualiza somente a nível local da aldeia, existe todo um contexto do espaço e sonho.

A conquista da terra coletiva Camiranga pelo o IDACE nesse ano de 2023 é um espaço territorial que guarda muitas vivencias do povo do movimento, nessa terra esta a nascente do rio Acaraú, existe os locais onde os ancestrais utilizavam para caçar animais para o consumo, continua sendo utilizado por os mais novos das aldeias que tem o dom da caça e aprenderam. É um espaço que está sendo conservado cuidado para que a roupageim da terra continue viva, não pode ser desmatado é uma regra do movimento POTIGATAPUIA.

Foto : Momento da Assinatura ,da posse da terra coletiva Camiranga ano 2023

João Alfredo Representante do IDACE



Foto: Lideranças do Movimento Potigatapuia /ano 2023

Teka Potiguara \ Assinatura do documento



Marinete Potiguara



Grupo: Kirimbawa reuiuri yby (A força que vem da Terra)

É uma mobilização da juventude indígena recente ano 2023, da Aldeia Mundo novo povo potiguara, com apoio das lideranças tradicionais, onde tem como objetivo incluir os jovens de maneira sistemática e geral, incentivando na participação na luta do povo, pela demarcação das terras, por a língua nativa, fortalecer a cultura ancestral fazendo com que permaneçam os ensinamentos dos sábios da aldeia, focando na importância da coletividade e dos deveres quanto povos e dos direitos assegurados na constituição de 1988. Trazendo essa arte dos saberes e da contextualização histórica de como surgiu o movimento potigatapuia e o movimento indígena mais contextualizado a nível, local regional e estadual. Formando novas lideranças fortes para a aldeia e o movimento indígena local a ponto de defender e valorizar suas raízes, que continuam fixas na terra.



Esse grupo **kirimbawa reuri yby** jovem faz parte, do grupo jovem POTIGATAPUIA que é um grupo bem maior tem membros de todas as aldeias que faz parte do movimento, é uma forma de valorizar a participação dos jovens nas ações que estão diretamente interligadas a luta do povo, em relação ao território, saúde, educação, a juventude é o futuro do povo, que avance e viva a juventude, uma vez começando firme das bases de vivencias se tornarão um braço forte e colaborador.

Cantos

“ A força das Maracás”

Com a força dos maracás,
Lá vem Mundo Novo- **refrão**

Cantando dançando
Alegrando o nosso povo (2x bis)

Ywaka piasú reunindo o nosso povo – bis (2x refrão)

A juventude vem dando força ao nosso povo
Vem quebrando as barreiras conquistando o que é nosso (2x bis)

Alegrando os encantados, encantando o nosso povo.
Vem soltando as correntes libertando o nosso povo (bis)
Vem chamando o nosso povo para vim dançar/ cantar conosco.

Autor: Diego Potiguara, Liderança jovem.

A luta pela a Sobrevivência

Tava na mata catando coquinho
Quando o macaco chamou por mim

Fui até lá atender seu chamado
Para saber o que queria de mim

Deixa meus coquinhos, deixa meus coquinhos, deixa meus coquinhos.
Seu danado curumim
Os coquinhos nem é meu, os coquinhos nem é seu
Tudo que existe foi deus que nos deu.

Autoria: Kulica Potiguara ex: professora da escola indígena povo caceteiro hoje já falecida.

Mitum Tupã ibakawá

Deus na vida da gente

Mitum Tupã, Mitum Tupã

Mitum Tupã Ybakawá

Oré abá, oré abá,

Taba poranga

Deus na vida da gente

Nós índios, Nós índios.

Aldeia bonita

Sybykobé sybykobé, sybykobé

Oré katu.

Oré abá, oré abá

Oré abá taba poranga

Nós somos bons

Nós índios, nós Índios.

Nós Índios na aldeia Bonita

Autoria: Teka Potiguara

Morubixaba

O cacique

Morubixaba eté

Kunhã poranga

Abá nheenga Kurumi

Muitos caciques

Mulheres bonitas

Falando línguas Indígenas e meninos

Abá katemá, aba katemá , abá katemá

Abá nheenga kurumim

Indígenas da região da mata

Falando línguas Indígenas e meninos

Abá karú, aba karú, abá karú

Aba nheenga kurumim

Indígenas Comendo, indígenas comendo

Falando línguas Indígenas e meninos

Autoria: Teka Potiguara

Abá pé

Vocês índios

Abá pé, abá supé

Momopé, abá asy

Tupã sy, kunhã kané.

Kurumim ka,a awacy

A terra já é nossa

A língua também é

Gavião do pé do morro

Potiguara tupã sy

Autoria: Teka potiguara

KAAPORA

O Caipora

Aienú aiku yané renda upé, mairamé amãa awá usenui ixé, yepé apigawá kariwá uputari

Um baá, remaã kaá resé, uri hambeu ixé arã.

Kaapora, kaapora rexari asasá aiuri iwitera sui, maraká kirimbawá sá,apekatu sui

Ganepú parana wasú. (bis)

Deitado na aldeia quando eu vi alguém me chamar era potyguara que veio mim avisar

Proteja a natureza que o invasor vai atacar.

Caipora, caipora, por favor, me deixe passar eu venho lá do pé da serra com força do maracá, quando de longe eu vi balanço deu no mar.

Autor (a) Jardel Potiguara

Lugares Sagrados.

São pontos específicos, de importância para o povo na aldeia; tais pontos são sagrados por serem lugares importantes à maioria para a subsistência do povo potiguara de Mundo Novo, entre estes lugares estão os lugares de caça, dos roçados onde plantamos nossos alimentos, tanque onde as mulheres lavavam roupas, lugares onde também serviam para tomar banho e lugares assombrados.

- **Zarapiraca:** um lugar onde ficam localizado os roçados, que os ancestrais usavam, ainda há roçados dos mais antigos.
- **Zarassá:** localização dos roçados, e um olho d'água, nos tempos que a água era mais difícil e mais longe as pessoas da aldeia, iam pastorear água para trazer para casa, colocavam água em cabaça na cabeça.
- **Zarisco:** É um espaço para plantar os roçados, até hoje a terra plana e com areia e arisco.
- **Coatís:** Local de traz de uma serra, parte alta e com lajeiros detrás da serra.
- **Pajeú:** fica localizado no caminho do urubu.
- **Monte Vídeo:** Tem um tanque muito grande, largo e fundo, em um lajeiro as mulheres da aldeia lavavam roupa na época do inverno.
- **Tanque da Gonçala:** Tanque pequeno fica localizado em cima de um lajeiro no outro lado onde ficava localizados roçados.
- **Tanque da Bibila:** é no caminho do monte vídeo, esse tanque tem esse nome por que foi uma mulher da aqui que encontrou o tanque, andando na mata. Era um local que sustentavam muitas mulheres de uma vez só, para lavar roupa e tomar banho.
- **Lajeiro da Mata:** com frente às casas onde tem tanques e os jatobás que é uma planta medicinal, os mais velhos faziam mel para gripe. É um lajeiro bem largo, e de superfície alta, ao seu redor mata com as árvores do tronco mais grosso, é onde existem plantas que serve para fazer remédio.
- **Lajeiro das Goiabinhas:** É um lajeiro, bem próximo das casas, ao lado do lajeiro da mata nele tem a maior quantidade de tanques que as mulheres utilizavam para lavar roupa, é um local onde tem muitas árvores da goiabinha, uma fruta silvestre.

- **Bebedor:** Relato cacique Tonha, o bebedor é um local que fica localizado na aldeia próximo as casas, a mãe natureza nos propôs como uma riquíssima fonte de água, um dos primeiros habitantes que encontrou foi o Zé Doca, e o Manuel paixão com muito cuidado eles realizavam a limpeza da água para o consumo dos animais e serviços domésticos, desde então esta fonte de água nominado como bebedor, vem sendo um lugar de preservação, por que é onde tem uma fonte rica de água, que ela não seca facilmente, a ponto de conseguir manter o consumo animal no período de seca do lugar. Entrevista realizada dia 08 de setembro do ano de 2020, às 9 horas da manhã por a aluna Samira potiguara aldeia Mundo Novo, a Cacique Tonha na época com 78 anos. E esta cacimba está dentro da reserva um espaço que não pode ser tocado, não pode ser brocado e nem queimado, e essa iniciativa da aldeia, está fazendo com que os animais voltem para a mata.
- **Pedra do Cururu:** É uma pedra que está localizada bem próximo as casas, está localizada em um espaço mais plano, ela é nem alta, muito difícil de subir, em cima da pedra no meio tem um tanque, a água desse tanque não era utilizada por que era muito difícil o acesso até o tanque.
- **Alto do cavalo vei:** É um caminho que virou esse nome segundo os mais velhos porque morreu um cavalo lá, e é um caminho que da para visualizar da aldeia inteira, caminho de acesso à cidade.

Fontes de água

Desde muitos anos na aldeia, a primeira fonte de água existente era de um olho d'água, que tinha três nascentes, que em tempos atuais deu lugar aos três cacimbões existentes na aldeia. Na época que o inverno é grande forte eles enchem, e na época que o inverno é mais fraco, eles secam durante o verão quase que totalmente, ficando apenas os gotejos no fundo dos cacimbões e a aldeia sofre com a falta de água, sendo abastecida totalmente com carros pipas. Existem outras fontes de armazenamento de água que são as cisternas de placas, programa do governo federal, que junta a água da chuva para cozinhar os alimentos e beber na aldeia quase todas as residências da aldeia têm.

Cacimbão época do inverno, cheio



Medicina Tradicional e Plantas que curam

A medicina tradicional é utilizada até os dias atuais na aldeia Mundo Novo, existem plantas nativas que fazem parte do ecossistema da aldeia que estão na rotina da medicina local, são conhecimentos ancestrais repassados de forma oral, que fazem parte da vida do povo local. É importante lembrar que já houve alguns exemplos de cura.

Imburana de Cheiro

Imburana de Cheiro é uma árvore nativa da kaatinga é alta, seu tronco é grosso sua textura é lisa, suas folhas de formato arredondado. Tem uma época do ano produz sementes, e é muito utilizada para remédio caseiro, contra sinusite, gripe, por ser uma árvore de aroma natural cheirosa. Vale lembrar que essa árvore que ainda existe na aldeia está em extinção.



Mameleiro

Mameleiro é uma árvore nativa da **Kaá tinga** que no tupy significa **mata branca**, é uma diversidade única. A kaá tinga é uma diversidade de mata da região Nordeste do Brasil. É uma planta de varias utilidades. Aqui na Aldeia indígena de Mundo Novo, pode ser utilizada de varias formas: Uma delas é Para remédio caseiro. Serve para fazer chá . E utilizar a raspa do mameleiro também para dor na barriga. Outras utilidades da árvore nativa é para fazer lenha, cerca, ripa, casa de taipa...

Foto : Diego Potiguara 16\10\2023



Descrição da planta: É uma planta de tamanho médio pequeno, flores brancas com formato arredondada muito pequenas, Folhas pequenas ou média até grande dependendo da estação do ano, uma árvores com galhos finos, e tronco cor roxa, e por dentro do tronco amarelado. Raiz não muito profunda.

Podemos afirmar que é a estação que a planta mais sustenta a folha, e chega a florir é inverno onde tem uma capacidade maior de crescer a folha.

É bastante resistente, por ser resistente ela permanecem vivos mesmo com as folhas caídas, simplesmente seus galhos secos. Por a região Nordeste e Semiárida, conhecida como a mais seca do Brasil, ter um longo período de estiagem. Ela passa todo esse período a sua grande maioria intacta. Aqui na Comunidade Indígena de Mundo, estamos em uma área que há algum tempo estamos tentando preservar, e conscientizar as pessoas da comunidade não desmatar pensando nisso reservamos uma área onde esse espaço não, brocamos não cortamos madeira, para que a biodiversidade de plantas e animais voltem para melhorar o nosso ambiente.

Juazeiro

Juazeiro é uma árvore nativa da caatinga é uma planta de várias utilidades. Na Aldeia indígena de Mundo Novo, pode ser utilizada de várias formas: Uma delas é Para remédio caseiro. A casca dela serve para cicatrizar ferimentos de todos os tipos nas pessoas e até em animais sua casca é retirada com muito cuidado para não matar a árvore. **Ela também é utilizada na dança e do jogo do cacete nosso ritual sagrado e tradicional.**

Descrição da Planta: Juazeiro é uma árvore de médio porte, folhas pequenas, uma árvore com galhos finos, dependendo da idade o tronco grosso médio na cor escura acinzentada quando mais velha raiz profunda.

Foto **Pé de Juazeiro.**



Mamona

Mamona é uma semente que ainda faz parte da cultura de plantação na aldeia, é bastante utilizada no uso da medicina tradicional, é produzido o azeite. A produção de azeite nem todas as pessoas conseguem produzir, por que tem uma ciência na forma de fazer.

Segundo a Chica Pinote Já nasceram aquelas pessoas que tem a ciência do azeite.

Fotos: Diego Potiguara



Têm várias utilidades uma delas, serve para estancar sangue, as pessoas costumam usar ele, quando alguém se machuca acidentalmente serve como primeiros socorros, ele é um medicamento que paralisa o sangue. Curá gripe pregada no peito, pra quem fica impedido de fazer suas necessidades, sarar enfermidade. Sarar umbigo de criança recém-nascida.

Balsamo

É uma planta que tem poucas unidades na aldeia , ela cura as dores do corpo e emenda osso quebrado, essas são as cascas do balsamo, ele solta um aroma muito agradável. Os mais velhos costumam utilizar ele é colocado de molho dentro de uma garrafa de água com dois litros de água. E deixa apurar, e todos os dias toma meio copo, duas vezes ao dia.

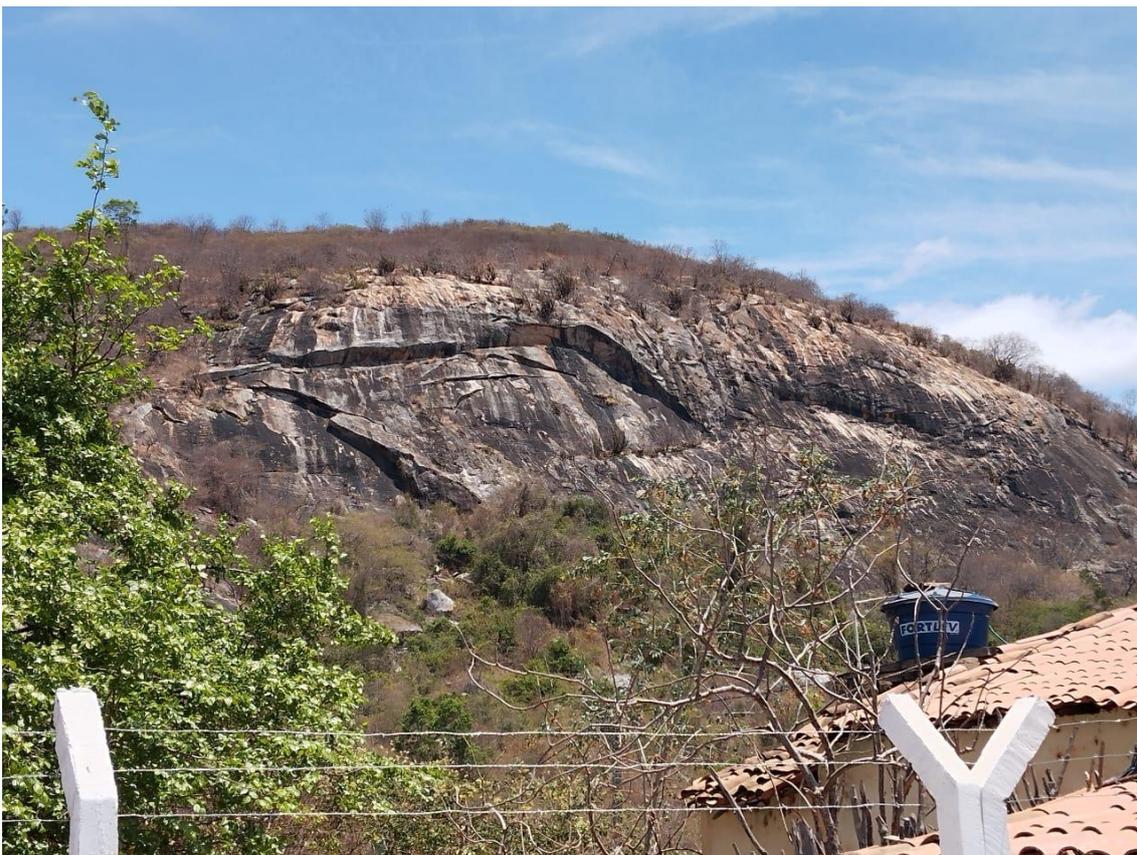
Foto: Diego Potiguara 20|10|2023



Lajeiro da Mata

Localizado com frente às casas onde existe os jatobás que é uma planta medicinal, os mais velhos faziam mel para gripe. É um lajeiro bem largo, e de superfície alta, ao seu redor mata com as arvores do tronco mais grosso, é onde existem plantas que serve para fazer remédio.

Foto: Diego Potiguara 17|10|2023

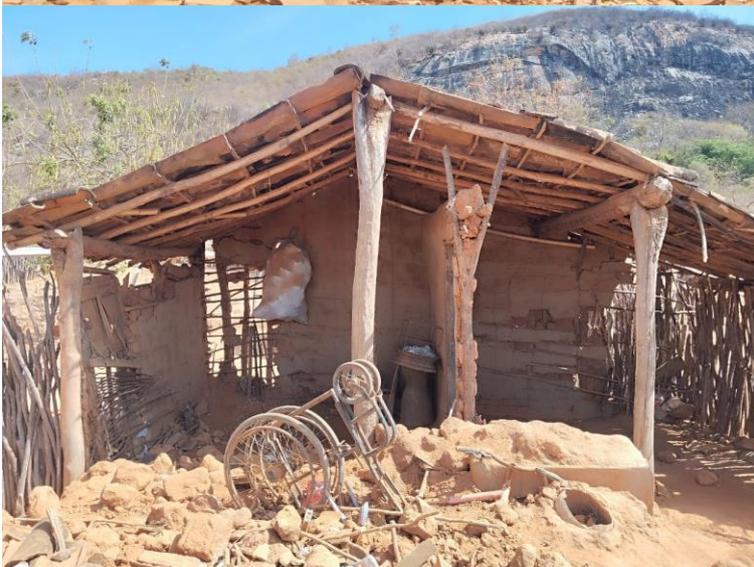


Memórias de Criança

Casa de Taipa

Nas décadas de 80 e 90, a grande maioria das casas na aldeia Mundo Novo ainda era de Taipa, chão batido, as característica rustica e natural, fogão a lenha feito de barro e forquilha de arvores, quintal feito de estaca retirada das árvores nativas da aldeia, de mororo e de mameleiro. Nasci e mim criei nessa aldeia em uma casa de taipa. Hoje na aldeia resta apenas uma relíquia dessas casas de Taipa, a antiga casa da cacique Tonha, ela construiu uma casa de alvenaria ao lado, mais a casa onde ela nasceu que foi de seus pais resta apenas uma parte de pé , ela tinha três compartimentos conzinha, sala e uma quarto.

Foto: Diego 04/10/2023



Rede

Durante muitos anos na Aldeia Mundo Novo, todas as crianças que nasciam a sua dormida natural, era na rede, um hábito tão comum que as mulheres mais velha da aldeia por ser um contínuo e natural de convivência do dia a dia , a sua grande maioria aprendiam com suas mães a puxar o punho de rede, assim uma forma de conservar a rede e a durabilidade maior. São lembranças de convivência, além do mais utilizavam o algodão para tecer o fio e transformar em punho de rede.



Pilão

Foi bastante utilizado na aldeia para pelar milho e transformar (muncunzá), era uma alimentação presente em todas as casas, esse pilão representado na foto e no desenho é um pilão que ainda tem em uma das casas da aldeia, na casa da Fatima (Fafá) sobrinha do Chico Bibila já falecido hoje. Quem fez esse pilão foi o Chico Bibila, esse senhor era um antigo artesão e costumava fazer a maioria dos pilões que existia na aldeia da época. Ele tinha o hábito de se mudar de um espaço para o outro sempre na aldeia de um lugar para outro no mesmo município, ele também sabia fazer casa de taipa com muita facilidade.



Pote

Objeto que serve para armazenar água, é feito de barro de louça, uma terra (argila) existente na aldeia. Todas as famílias utilizavam para guardar água para beber, cozinhar os alimentos. Hoje é utilizado menos, permanece nas residências de poucas famílias.



Tomar banho de Grota no inverno

No período de inverno, na estação mais chuvosa as grotas ficam embrejadas, como a aldeia está localizada entre as serras nesse período chuvoso a água fica corrente nas grotas, acumuladas nos lajeiros e tanques existentes no lugar. Os curumins da aldeia tomavam banho nesses espaços que a água ficava acumulada nesse período, e a diversão era garantida.

Balançador

Chamávamos de balançador uma árvore de um galho suspenso ou quebrado, aproveitávamos e nos balançávamos, ficávamos em pé no galho, e com as duas mãos segurando os outros galhos mais finos da árvore, e fazendo o movimento de balanço com as pernas, era um momento de diversão muito boa entre as crianças da aldeia.

Frutos silvestres

São frutos existentes na própria natureza e que serviam de alimentos na aldeia como uma forma de subsistência, eram frutos que estão presente na natureza em específicos e conhecidos como pequenos frutos da caatinga. Terra seca, e árida. Coquinho, Goiabinha, melancia da praia, juá, imburana.

Coquinho

Coquinho é um fruto silvestre existente na região semiárida, nasce do pé de maniçoba braba que é uma árvore de porte médio, da folha média formato parecido com a folha do pé de mamão, a cor do seu tronco é preta. É um fruto quando verde fica dentro de uma bilota, semelhante à de pião brabo, ao amadurecer estrala e cai espalhando sobre todo o chão ao redor do pé. O gosto é Semelhante ao gosto de coco. Quando criança junto com a garotada da aldeia sempre ia até a mata para catar o coquinho, e quebrar com uma pedra, e comer o seu miolo, muitas vezes também era aproveitado para fazer farofa com farinha branca feita da mandioca. Pra ficar mais fácil retirar o miolo, era colocado de molho até o dia seguinte quando quebrado o miolo sair inteiro. Não tinha dia nem época certa para a colheita desse fruto, é um fruto silvestre que não falta na mata, mais também não encontramos em todos os pés dentro da mata.

Goiabinha

Goiabinha é uma frutinha semelhante à goiaba normal, seu tamanho é mirim bem pequena tem o sabor semelhante da fruta grande, com um aroma natural, seu fruto não produz o ano inteiro somente em uma pequena época, é considerada uma fruta silvestre. Seu pé é semelhante a um pé de goiaba normal.

Melancia da Praia

É uma frutinha bem pequenininha com sementes pequenas, semelhante à melancia redondinha é uma planta rasteira com a folha espinhosa, suas ramagens espinhosas é frutinha de gosto azedo. Ela nasce na época do inverno, na aldeia as crianças sempre comia.

JUÁ

É uma frutinha bem pequena, quando está verde tem o gosto amargo, na sua fase madura fica com a cor amarela mudando o gosto para doce. O juazeiro É uma arvore bastante resistente, se mantem verde e com folhas o ano inteiro, suas características espinhosa, médio poste. Além de dar esse fruto, a sua casca servia para produção de shampoo caseiro na aldeia, as mulheres mais velhas contavam que utilizavam para lavar seus cabelos, rapavam a casca e colocavam na agua, depois de apurada retiravam. E utilizavam para lavar seus cabelos. É uma planta misteriosa desde mais antigos da aldeia em horários extremos como meio dia, não é aconselhado passa por baixo dela, por ser uma planta que filtra energia pesadas, e a pessoa passando por debaixo dela nesse horário pode ser atingida por essas energias que ela mantém nela.

Foto: Diego potiguara 17\10\2023



Imburana Braba.

Imburana é uma fruta de formato redondo com caroço, quando madura seu caroço fica com duas cores, vermelho e preto tem o gosto azeda, era consumida com sal, por as pessoas na aldeia.



Roçado

Na aldeia desde muito pequena as crianças tem o hábito de ajudar seus pais no roçado, durante o período de inverno as famílias se organizam para preparar os alimentos para sua subsistência, cada família que vive da agricultura costumam plantar milho, feijão, mamona, melancia, abobora, gergelim, dependendo da família e da escolha dos alimentos cultivados.

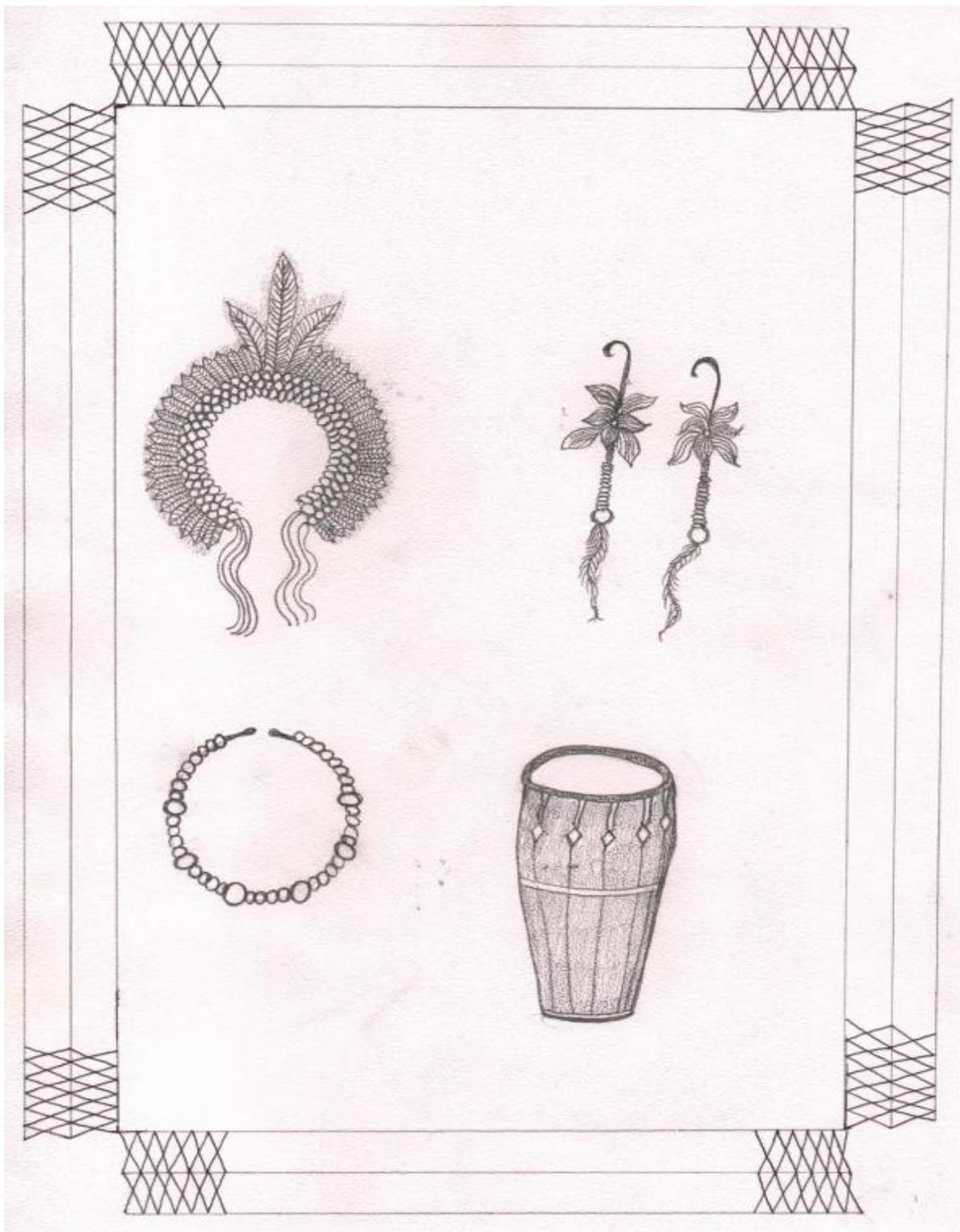
A pesar da variedade de alimentos que podem ser cultivados meu pai que se chamava Lopes costumava plantar, milho, feijão branco, fava, melancia e mamona, essas eram as sementes mais utilizadas por ele, poucos anos antes de sua morte lembro suas ultimas plantações, seus roçados, ele gostava de plantar milho e feijão de corda na serra, era um pouco distante das casas da aldeia. No outro roçado que ficava localizado atrás da serra nos coatís, era um roçado grande alto cheio de grotas e pedras barro vermelho, os pés de milho ficavam finos e não muito alto, o feijão na aquela terra, barro vermelho o feijão ficavam moitas pequenas, a melancia doce, mais bem pequena.

O melhor dos roçados o localizado no pé da ladeira, perto da casa de farinha hoje. E no canto do roçado tinha um pé de algaroba onde nos ficávamos de baixo, a gente plantava feijão branco, milho, muita melancia de todos os tamanhos, era um roçado que a gente curti em ir até lá, por que tinha muita fartura era um sonho. Papai costumava dizer que um roçado limpo é um roçado com fartura. Ele costumava fazer três limpas, era um roçado pequeno fazia o suficiente para o consumo do ano inteiro, e assim no decorrer dos anos.

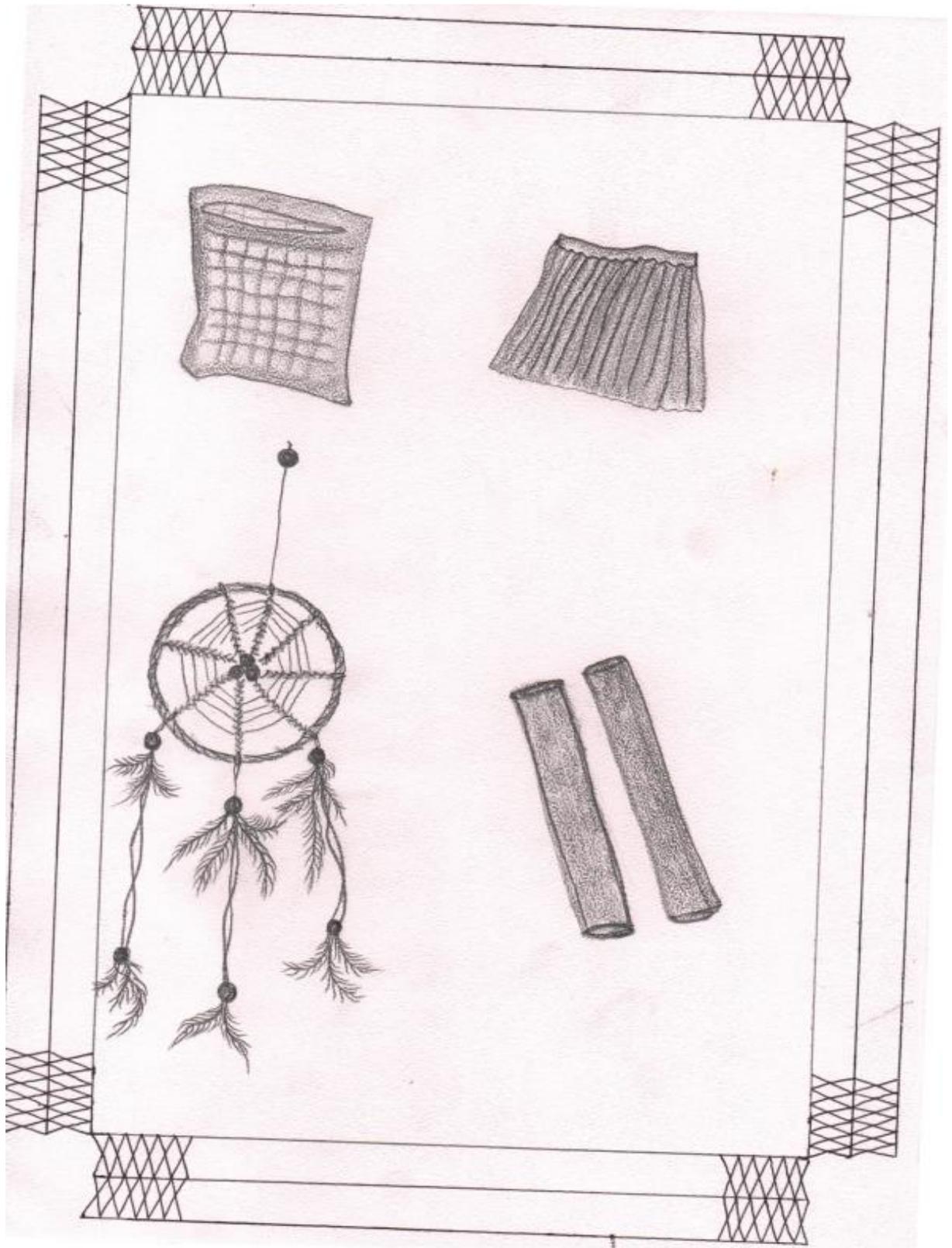
Até hoje é utilizado os alimentos plantados no roçado, Taís alimentos naturais o **milho** Farinha de pipoca, pipoca mole, pipoca na cinza, cozido, assado, cuscuz, muncunza, pamonha e a canjica xerém também é utilizado do milho.

Ilustrações Objetos Indígenas (Ilustrações próprias Adriana potiguara em PDF)

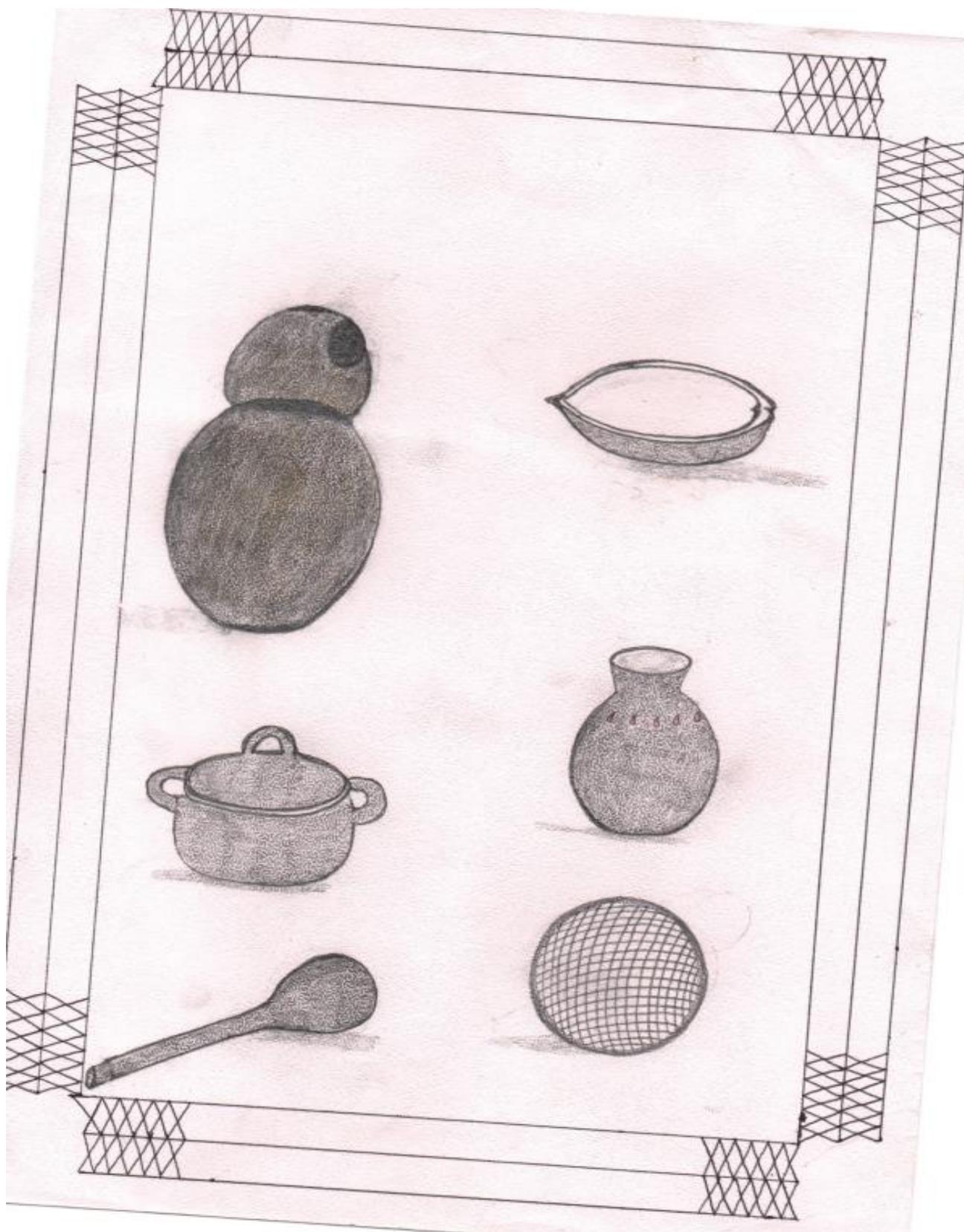
Cocar,brinco,colar,tambor.



Surrão, saia, Filtro dos sonhos, Cacete feito do jucá.



Cabaça, cuia, Panela de barro, Pote, colher de pau, peneira de palha.



Rede, Maraca, cuscuzeira de barro, banco de pau.



Referencias Bibliográficas

P881 POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS “ A Força que vem da terra”, SEDUC, 2001 MONSENHOR TABOSA, CE.

Referencial Curricular Para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, 1998.

Prezia, Benedito, 1944-

Brasil indígena: 500 anos de resistência / Benedito prézia, Eduardo Hoornaert. - São Paulo: FTD, 2000.

2003 projetos politico Pedagógico Transformador ppp Escola indígena povo Caceteiro.